

AJUSTAR PARA SOBREVIVER¹

Sebastião Teixeira Gomes²

Recentemente, realizei palestra para produtores de leite, quando lhes apresentei duas alternativas para ser escolhida uma delas: 1ª, um ano todo com muito calor, muita chuva e o preço do leite menor que o da segunda alternativa; 2ª, um ano todo com muito frio, pouca chuva e o preço do leite maior que o da primeira alternativa. A diferença de preço do leite entre as alternativas é de 20 a 30% menor no ano de muita chuva, em relação ao de pouca.

Feitos alguns esclarecimentos, realizou-se a votação, com vitória da primeira alternativa. Após conhecer o resultado, perguntei-lhes, novamente: Como explicar a preferência pela alternativa de menor preço do leite? A resposta foi imediata: O preço do leite é menor, porém a redução do custo de produção, nas águas, é maior que a queda do preço. O que interessa é o que sobra no bolso do produtor.

Com certeza, quem preferiu a primeira alternativa faz ajustamentos no sistema de produção, de modo que o custo das águas seja menor que o da seca. Tais ajustamentos ocorrem, principalmente, na redução do concentrado e de mão-de-obra para o trato dos animais. Em muitos casos, o uso de concentrado para vacas em lactação acontece na proporção de 1 kg para 3 litros de leite, na seca, e de 1 kg para até 5 litros, nas águas.

O comportamento do preço recebido pelo produtor de leite mostra significativa flutuação entre os períodos de seca e das águas. A explicação usual para tal comportamento diz respeito ao aumento da produção de leite nas águas, em razão da presença oportunista do produtor safrista. Isto que era verdade no passado, hoje não o é tanto. As grandes transformações que aconteceram e ainda continuam na produção de leite reduziram, expressivamente, a sazonalidade da produção. De acordo com dados do IBGE, em 1997, a produção do Brasil, no período das águas, foi 17% maior que a da seca; em 1998, 12%; e em 1999, apenas 11%. Segundo ainda o IBGE, nos três últimos anos, a produção das águas aumentou 4%, e a da seca, 10%. São dados expressivos que indicam avanços consideráveis na produção de leite no país.

A queda do preço do leite, nas águas, deve-se mais às imperfeições do mercado do que ao aumento da produção provocado pelo safrista. Com poucos compradores de leite, que sabem da redução do custo de produção nas águas, eles têm possibilidades de influenciar na queda do preço do leite neste período. Portanto, na explicação dessa queda, o maior peso vai para a mudança da curva de oferta (leia-se mudança de tecnologia) e não para a mudança na curva de oferta (leia-se aumento da quantidade ofertada de uma mesma função de produção ou de uma mesma tecnologia).

Em razão do clima, do solo e até de características da economia do país, provavelmente, a modernização da produção de leite deve concentrar-se em sistemas de produção que privilegiem pastagens de boa qualidade, com suplementação volumosa na seca e concentrada o ano todo, porém em quantidades menores nas águas. Sendo assim, é natural esperar pequena sazonalidade da produção, mesmo quando a maior parte da pecuária for considerada tecnificada. Não se deve imaginar que ser tecnificado significa apenas usar modelos confinados, com a mesma alimentação e o mesmo manejo o ano todo e sem nenhuma sazonalidade de produção. Também pode ser tecnificado o sistema de pasto.

Ao destacar o ajustamento dos sistemas de produção para torná-los compatíveis com o comportamento do mercado, de modo algum se está enaltecendo o produtor oportunista, que, nas águas, produz muito e, na seca, muito pouco ou quase nada. É possível ajustar o sistema e ter pequena ou nenhuma sazonalidade de produção. Do mesmo modo, ajustamentos do sistema de produção não devem ser entendidos como retrocesso tecnológico. Ao contrário, para fazer tal ajustamento exigem-se muitos cuidados na administração da atividade leiteira. Já existem muitos produtores que conseguem combinar elevadas produtividades dos fatores de produção, em especial litros/hectare, com baixa sazonalidade da produção e baixo custo médio no período das águas.

Outro aspecto importante diz respeito à frequência com que o ajustamento deve ser feito. Não se imagina, todo o dia que houver mudança na relação de preço (preço do leite/preço de insumos), mudar também o sistema de produção, já que isto, na prática, é quase impossível. O que deve balizar as decisões do produtor é o comportamento histórico da relação de preços. Aí sua decisão terá sustentação.

Voltando à palestra referida anteriormente, na qual a maioria dos produtores preferiu a primeira alternativa, é de esperar que o lucro anual aumentará com o alongamento do período das águas. Isto poderá acontecer, nas regiões de clima quente, com irrigação das forrageiras antes e depois do período das águas.

Finalmente, a principal mensagem deste artigo é que a tecnologia não deve ser neutra em relação aos termos de troca. A insistência em manter sistemas engessados, quando o mercado exige flexibilidade, pode custar caro ao produtor.

¹ Trabalho escrito em 06.03.2001.

² Professor titular da Universidade Federal de Viçosa.